

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

---

# Revista Portuguesa de História

TOMO XI

VOLUME I



COIMBRA / 1964

No relatório lido pelo Secretário anunciou-se que a II Reunião Internacional de História da Náutica se realizaria possivelmente em Madrid, em 1970, e que as comunicações apresentadas seriam em breve publicadas num volume (especial da *Revista da Universidade* de Coimbra).

Enquanto decorreram os trabalhos, esteve patente ao público uma exposição bibliográfica relacionada com os temas da Reunião; organizada pela Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra sob a orientação do Bibliotecário Dr. José Joaquim Barbosa, ocupava todo o amplo salão da Biblioteca de S. Pedro.

L. DE A.

### O centenário de Henri Pirenne na Bélgica

A Bélgica comemorou em 1962 o centenário do nascimento de Henri Pirenne. A 23 de Dezembro, um iséculo antes, em Verviers, nascera Jean Henri Otto Lucien Marie Pirenne que, para o seu país, é, decerto, principalmente, o autor dos sete volumes da *Histoire de Belgique*, elaborados ao -longo de trinta e cinco anos. Publicados desde 1900 a 1932 (quase paralelamente aparecidos em neerlandês, a outra língua nacional, vertidos por IR. Delbecq, *Geschiedenis van België*, Gand, 1902-1932), foram diepois reeditados em quatro grandes tomos (Bruxelas, La Renaissance du Livre, 1948-1952), ilustrados então com iconografia escolhida e comentada por Franz Sohaüwers e Jacques Paquet, e pelos mesmos editores de igual modo dados em nova versão neerlandesa sob 'a direcção do Prof. A. Van Loey '(*Geschiederds van België van het begin tot heden*, 1954).

Para os estudiosos da historia, o nome deste revolucionador dos esquemas tradicionais sobre a transição (entre o mundo antigo e o medieval liga-se, imediatamente, à controvertida obra postuma, *Mahomet et Charlemagne*, publicada em 1937 e (apresentada em edição ilustrada em 1961, depois de traduzida para italiano em 1939 (*Maometto e Carlomagno*, Bari).

O manuscrito ficara em primeira redacção, assomada de «Uccle, 4 mai 1935, 10h y<sub>2</sub><sup>y</sup>, sobre a mesa de 'trabalho do historiador que, nesse mesmo mes, seria aballado pela morte do filho mais velho, Henri-Édouard, professor na Universidade de Gand. Dos quatro

filhos, já Fierre tinha sido levado pela guerra, em 3 de Novembro de 1914, e o mais novo, Robert, falecera em 1931. Um ano após, <em 2 de Novembro de 1932, de 'entre as palavras que proferiu no funeral de um dos seus primeiros alunos e depois professor na Universidade de Bruxelas, Guillaume Des Marez, estas são talvez como um desabafo cheio de marcas pessoais: «Il est monstrueux qu'un père survive à ses enfants iet qu'un maître survive à Ses 'disciples». Henri Pirenne não sobreviveu muito àquele último desgosto, e morreu com setenta e três anos, iem 214 de Outubro de 1935.

Jacques Pirenne — talvez entre a generalidade do público português mais conhecido que o pai, pela tradução de *Les grands courants de l'Histoire Universelle*, enquanto que deste não existe vertido para a nossa língua senão o volumezinho, onde aliás estão já raízes idas suas comiçções-base, *Les villes du Moyen-Age. Éssai d'histoire économique et sociale*, de 1927 — confiou ao Prof. Fernand Vercauteren, de Liège, o (cuidado de rever o texto, para completar urna ou outra frase deixada em suspenso e conferir as referências bibliográficas da obra a que faltavam os (definitivos retoques. Dois anos mais tarde, em 1937, apresentado por ambos, era publicado esse livro-síntese, cuja (doutrina inovadora se 'esboçara já em dois artigos de 1922 e 1923, «Mahomet et Charlemagne» e «Un contraste économique: Mérovingiens et Carolingiens», publicados na *Revue Belge de Philologie et d'Histoire* (T. I e T. II), que o próprio Henri Pirenne fundara' 'em 1919 com o título de *Bulletin Philologique et Historique*. Segundo esta sua nova interpretação, depois tão divulgada e discutida, a 'civilização romana não teria acabado 'em 476, com as invasões germânicas e com a deposição de Rómulo Augústulo pelo chefe dos Hérulos, Odoacro. As invasões não haveriam destruído a unidade mediterrânica, desfeita, sim, somente com o bloqueio estabelecido pelo domínio dos Árabes, que no século vm fizeram a Europa dobrar-se sobre si mesma, coositrangendo-a a urna 'economia fechada, necessariamente de estrutura agrária. De onde, a sua expressão - resumo : «Il est donc vrai ide 'dire que, sains Mahomet, Charlemagne est inconcevable».

Henri Pirenne, que tivera como mestre iniciador, 'em Liège, Godíefroid Kurth, e depois grandes mestres (alemães e franceses, oferecia, aqui, (como em outros 'estudos de história' eioonómica e ide história urbana, os resultados de longas elaborações, a que não é alheio

o (ambiente em que passara a infância, a tradição lanígera de Verviers. Isto explica os temas de allguin dos primeiros trabalhos, como «Une crise économique au xvi<sup>e</sup> siècle. La draperie urbaine et la nouvelle draperie en Flandre» publicado em 1905 ino *Bulletin de la Classe des Lettres de l'Académie Royale de Belgique*, e «Draps de Frise ou draps de Flandre?», de 1909, em *Vierteljahrschrift für Social-und Wirtschaftsgeschichte* (VII, pp. 308 e ss.) ; e que, depois de em colaboração com G. Espinas ter editado em quatro tomos o *Recueil de documents relatifs à l'industrie drapière en Flandre* (Bruxelas, 1906-1924), haja voltado ainda, em 1930, a estes problemas: «Drap d'Ypres à Novgorod au commencement du xii<sup>e</sup> siècle» (*Revue Belge de Philologie et d'Histoire*, IX) . Em Verviers possuía o pai uma fábrica, onde gostava de conversar em francês com os operários, da mesma maneira que apreciava entreter-se a falar em flamengo com os estivadores de Gand.

Assim, o conhecimento dos problemas da sua região e do seu tempo conduziu-o à compreensão do passado (em perspectivas predominantemente económicas. As suas conclusões, mesmo quando discutidas, como por M. Rostovtzeff, R. Morghen, William Gamoll Bark, E. Rota «e outros (\*), ie não inteiramente aceites, fizeram despartar um novo rumo para os estudos sobre a Idade Média.

As reservas postas às teses mais características de H. Pirenne são superadas pelo impulso que estas deram aos historiadores que dos trabalhos utilizados tiraram a lição e daí partiram para outros estudos. Miare Bloch o afirmou ao escrever: «Como, todavia, pensar em tomar posição, em algumas linhas, em relação às teses tão longamente amadurecidas e tão sólidamente escoradas? Esse será o trabalho das gerações futuras. Todo o grande livro, ao mesmo tempo que uma lição, é um ponto de partida. Fode-sie assegurar que este [referia-se a *Le mouvement économique et social*, no volume da coleção dirigida por G. Glotz], que marca visivelmente

i<sup>1</sup>) Ver H. LAURENT, «Les travaux de M. Henri Pirenne sur la fin du monde antique et les debuts du Moyen Age», em *Byzantion*, vu (1932), pp. 495. as.; *The Pirenne Theses. Analysis, criticism and revision*. Edited with an introduction by ALFRED (F. HAVIGHURST, Boston, D. C. Heath, 1958; BRYCE LYON, «L'oeuvre de Henri Pirenne après vingt-cinq ans», iem *Le Moyen Age*, LXVI (1960), pp. 437-493; PHILIPPE WOLFF em *L'Histoire et ses méthodes* (Col. «Encyclopédie de la Pléiade», sob a direcção de Charles Samaran), Bruges, 1961, ipp. 872-876.

uma data nos nossos estudos, não falhara a osta 'dupla finalidade.. Não resta senão adoptar a posição mais -simples: agradecer» (*Annales d'Histoire Économique et Sociale*, VII, 1935, pp. 79-80). O mesmo é o significado do testemunho de F. L. Ganshof: «Ele pertence a essa categoria de sábios cuja obra, mesmo quando é tecnicamente ultrapassada, em parte ou no conjunto, 'continua a prodigalizar preciosos ensinamentos aos homens de estudo e a todos os que pensam. Hrenne é um daqueles poucos historiadores graças aos quais se enriquece o espírito prosseguindo com eles, através dos seus 'escritos, um apaixonante diálogo» («Henri Pirenne», 'em *Biographie nationale*, XXX, Supplément, t. II Bruxelas, 1959, col. 671-722).

Consciência da não definitividade das suas posições tinha-a o próprio (Pirenne -ao exprimir-se, algures, deste modo : «Todos aqueles cuja vida se passa na procura da verdade bem sabem que as imagens que dela apreendem são 'necessariamente fugidias. Elas brilham por um instante para darem lugar a clarões novos, sempre mais deslumbrantes. Muito diferente da do artista, a obra do sábio é fatalmente provisória. Ele sabe-o e com isso se regozija, visto que o rápido envelhecimento dos seus livros é precisamente a prova do progresso da ciência».

\*

\*\*

Na sessão solene, realizada em 19 de Dezembro no salão nobre do Palácio das Academias, em Bruxelas, na presença do Rei e da Rainha, depois do discurso de saudação do Ministro da Educação Nacional e da Cultura, Victor Larock, falou um 'dos alunos do mestre na Universidade de Gand, o Prof. Van Werveke, especialista também de alguns aspectos da história medieval, para salientar as características da obra de Pirenne. Era essencialmente um economista e um historiador da evolução social, com preferência manifesta por tudo o que dizia respeito a civilização e literatura.

O orador seguinte, o Prof. Vercauteren, de Liège, falou de Godefroid Kurth como mestre de Pirenne. (E não podemos deixar de recordar que Kurth também foi seguido pelo Doutor Gonçalves Cerejeira quando leccionou sobre a História da Idade Média na Faculdade de Letras de Coimbra, Eram decerto seus alunos quem, por tanto uso lhe 'dar, 'deixou de folhas -despedgadas especialmente o

primeiro dois volumes de uma obra de Kurth na Biblioteca da Universidade de Coimbra, *Les origines de la Civilisation Moderne*, edição de 1886.) Discípulo apaixonado de Godefroid Kurth, que tinha introduzido na Bélgica os métodos da crítica histórica seguidos na Alemanha, e que na Bélgica haviam sido um pouco negligenciados, enquanto em França tinha uma pléiade de jovens eruditos os aplicava na École des Hautes Études, fundada em 1868, Pirenne, depois da preparação começada «em Liège, prosseguiu-a em Leipzig, em Berlim e em Paris. Foi nestas três cidades que recebeu a revelação da história económica, da história social, da história urbana. Ao tempo «em que a revolução industrial acabava de conquistar a França e a Alemanha, é espantoso que certos historiadores «não se tivessem sentido impressionados pela importância do factor económico e não o tivessem invocado para compreenderem o passado»— disse o Prof. Vercauteren. Em seu parecer, a obra-chave mais original dos trabalhos da investigação historiográfica de Henri Pirenne é *Les anciennes démocraties des Pays-Bas*, publicada em Paris em 1910, na colecção dirigida por Gustave Lebon: «Era sem dúvida a primeira vez, na historiologia, que o factor social vinha explicar de uma maneira tão feliz a evolução dos nossos principados e das nossas cidades».

O Prof. Vercauteren referiu-se ainda ao cativo de Pirenne que, preso em Gaod a 18 de Março de 1916, deportado «para a Alemanha como «pessoa extremamente perigosa», passou os dois primeiros meses em Crefeld e a 12 de Maio se viu transferido para o «campo de Halzminder, «réceptacle où l'Allemagne versait pêle-mêle, de tous les pays occupés, les indésirables ou les gêneurs», onde ficou entre dez mil internados. Após seis meses de residência fixa em Lena (onde teve a alegria de se reencontrar com o colega Paul Frédéricq, que primeiro fora seu professor em Liège, e a quem sucederia, em 1919, no cargo de reitor da Universidade de Garmund), foi transferido para Creuzburg an der Werra, na Turingia, e ali a esposa e o filho Robert lhe vieram fazer companhia, desde 8 de Agosto de 1918 até ao armistício.

Esta experiência de exilado de guerra não lhe foi inútil: enquanto aos deportados belgas Pirenne ensinava a história da pátria comum, o convívio com os oficiais do Czar, cuja língua aprendeu, levou-o a descobrir a importância da Rússia na história económica da Idade Média, e deu-lhe ocasião de ensinar aos estudantes russos a história

económica da Europa. Assim lhe surgiu talvez ideia de criar a cadeira de História da Rússia, que veio a introduzir na Universidade de Gand em 1920. Mais, principalmente, aqui, para ocupar o seu isolamento, deu início à redacção de uma obra que, aliás, com o termo da guerra, não foi levada até ao fim.

Henri Frenchie conta, em *Souvenirs de captivité en Allemagne — mars 1916-novembre 1918*, que tiveram primeiro aparecimento na *Revue des Deux-Mondes* e, depois, em volume (Bruxelas, 1920): «Eu tinha resolvido imediatamente que só me seria possível resistir à monotonia da minha prisão impondo-me estritamente ocupações determinadas, reservando para cada hora o seu objectivo especial. Recomecei a aprendizagem do russo, que tinha principiado em Crefeld sob a direcção de um teniente-coronel de artilharia e continuara em Holzminden com um estudante. Às cinco horas entregava-me à redacção de um livro em que muitas vezes tinha pensado antes da guerra e cujo plano trazia na cabeça. Chegava, deste modo, à hora do jantar. Lía o jornal e o dia terminava, para recomeçar exactamente na mesma, no dia seguinte. Jamais me apartei desta norma de vida, qualquer que fosse o tempo ou a estação. Dava-me a vantagem inestimável de saber, logo de manhã, aquilo que tinha de fazer até à noite. Estabelecia uma barreira às vagabundagens da imaginação, tranquilizava as inquietações e escorraçava o tédio. Acabei por me interessar verdadeiramente pelo meu trabalho. Freqüentava nele durante os meus passeios solitários pelos campos e bosques. Nada me fazia lembrar a guerra e esforçava-me por esquecê-la. Não tendo nenhuma obrigação a cumprir, isento de qualquer tarefa, desembaraçado de todas as obrigações mundanas e sociais no meu isolamento, saboreava os «encantos da meditação, a lenta e progressiva elaboração «das ideias que trazemos em nós, com as quais vivemos e nas quais se acaba por ver-se absorvido».

Em situação criada igualmente pela guerra, de Henri Pirenne se lembrou, décadas mais tarde, Marc Bloch, conforme conta Lucien Febvre. Na nota em que descreve como se lhe apresentaram os manuscritos da obra *Apologie pour l'histoire ou métier d'historien*, que aquele mestre lhe dedicava mas não deixara inteiramente preparada para a tipografia, Lucien Febvre relata que, suportando mal as ociosidades da guerra, Marc Bloch, mobilizado na Alsácia, foi a um merceiro comprar um caderno de apontamentos de estudante, onde escreveu, como um título: «Histoire de la Société française dans

le cadre de [la Civilisation européenne]— e, ia iseguir, esta 'dedicatória: À la mémoire die Henri. Firemne / quii, iau temps où son pays combattait (aux côtés du mien / pour le droit et la civilisation / écrivit m i captivité une Histoire de rEurope.

Foi, efectivamente, a *Histoire de l'Europe des invasions au xvi<sup>e</sup> siècle*, cuja primeira edição seda também pòstumamente publicada por seu filho jem 1936, que Henri Firenne escreveu, nas circunstanciais que regista no prólogo, aissiniado jem «Creuzburg a. d. Werra, Caisthof zum St em. 31 janvier 1917»: «Encontro-me aqui sozinho com os meus pensamentos e, se não consigo dominá-los, deixar-ise-ão eles dominar peia mliinha trisitezia, e pelas minhas preocupações por causa idos meus quleros, e i conduzir-me-ão à neurastenia ou iao desespero. É absolutamente necessário que eu reaja. “Há pessoas, escreveu-me minha mulher, que se deixam abater pela adversidade e outras ia quem a iadversidade dá tẽpera. É preciso querer i ser (destes últimos”. Vou tentar, por ela' e por mim.

«Em Holzminden, os i estudantes ruissos a quem fazia, improvisando, um curso de história econõmica, i exprimiam-me o desejo, e eu vlia-o sincero, de que publicasse ais minhas i lições. Forque não ensaiaria esboçar aqui, nas suas grandes linhas, o que poderia ser uma *História da Europa?* A falta de livros não pode i constituir-me grande obstáculo, porque se trata somente de um largo esboço. Já tinha pensado muito nisso jem lena, e tomado notas. Parece-me que via delinear-se certos traços. De qualquer maneira, isto será uma ocupação. Tenho a (impressão de que já só muito dificilmente sei pensar, e a minha memória seguramente enfraqueceu. Mas talvez o esforço me faça bem. O essencial é matar o tempo e não me deixar matar por ele».

F. Vercauteren i concluiu a i evocação i dizendo que, em seu parecer, Firenne, corno professor, i supera ainda o Firenne historiador, porque tinha ia i eloquência e a fẽ contagiosa dos verdadeiros sãbios. Compreende-se — comentaremos nós — que o prestígio (da sua docência tenha levado o futuro rei Leopoldo III, então duque i do Brabante, a seguir os cursos de Henri Firemne na Universidade de Gand, misturando-se, em 1924-1925, entre o grande número dos seus alunos.

A sessão fechou com a paliavra fulgurante i do octogenário Charles Samaran, representante 'do Instituto de França, do qual (Firenne foi membro correspondente desde 1910, e associado desde 1918. Referiu-se ao papel desempenhado pela obra de Firenne, que i contribuiu

para dar à Bélgica consciência da sua formação e da sua unidade, e recordou a expressão de outro grande historiador, Marc Bloch: Pirenne era um maravilhoso talento, o encanto mesmo. E terminou exprimindo quanto a sua Academia se sentia orgulhosa por ter sido muitas vezes honrada com a presença de H. Pirenne e, mais ainda, com as suas eruditas comunicações. É curioso registar que o nome de Pirenne continua a ser venerado frequentemente no Instituto de França,—acrescentou— não já pela presença pessoal, mas pela de seu filho, Jacques Pirenne, e de sua neta, Jacqueline, a qual, como um menino Jesus no meio dos doutores, ali vitoriosamente defendeu entre os académicos uma tese erudita e, actualmente, ocupa em Paris um lugar de agregada ao Centre National de la Recherche Scientifique.

No dia seguinte, 20 de Dezembro, foi inaugurada em Anderlecht uma exposição documental, organizada por Les Archives Générales du Royaume, que deste modo participaram na comemoração do nascimento de quem não só extensamente utilizou e se inspirou nas colecções da instituição, como participou na sua reforma e se empenhou na preservação do património histórico do país.

A exposição, que abria com a fotocópia do registo de nascimento de Pirenne, reuniu cerca de 350 documentos sobre o curso escolar, a carreira professoral, os trabalhos e conferências do historiador, assim como numerosos pergaminhos, trazidos dos vários Arquivos de Estado, de que Pirenne se serviu e que comentou nas suas obras.

Não é possível descrevermos aqui as interessantíssimas e valiosíssimas peças, como uma selecção de redacções e dissertações, compostas durante o curso (Secundário e publicadas no jornal estudantil do Colégio comunal de Verviers, *La Mosaïque Littéraire*, entre 1875 e 1879, ou Seja, entre os seus treze e dezasseis anos; os apontamentos por ele tirados no curso que frequentou, assim como notas tomadas pelos seus alunos, (entre as quais as de seu filho, Jacques Pirenne, registando as lições ouvidas ao pai nos cursos de Instituições da Idade Média, História (da Idade Média, e início Curso prática; plano de lições e textos para Conferências e para a elaboração das suas obras; assim como correspondência recebida de eminentes colegas, como Maurice Prou, Marc Bloch, Joseph Bidez, /em grande parte da qual se expõem opiniões sobre investigações históricas. Particularizaremos

somente que, entre a correspondência recebida a propósito dos seus estudos sobre o capitalismo moderno, *Les Périodes de Vhistoire sociale du Capitalisme* (1914), encontrámos a dirigida por Jaime de Magalhães Lima.

Esta exposição, ilustrada com amplas reproduções fotográficas de todos os géneros, constituindo no seu conjunto uma história viva de Pirenne, esteve aberta ao público até ao fim de Fevereiro de 1963.

No catálogo da exposição, entre as algumas reproduções fotográficas de autógrafos, como a de uma página da carta de G. Kurth, de 16 de Setembro de 1886, felicitando Pirenne pela nomeação para professor extraordinário da Universidade de Gand, encarregado de alicecioniar história sobre a Idade Média, História da Bélgica e Geografia histórica, e dando-lhe alguns conselhos sobre o ensino da história, encontra-se a de uma espécie não incluída nesta exposição porque o seu original figurava na exposição de Verviers: a carta de Henri Pirenne a H. Muller, de 17 de Novembro de 1918, no momento da sua libertação.

Em Verviers, a cidade natal de Pirenne, foi no dia imediato, 21 de Dezembro, evocada a sua memória com uma homenagem prestada diante da casa onde nasceu, de onde se inidiou um cortejo até ao museu Comunal. Aqui, o Director Geral dos Arquivos, E. Sabbe, inaugurou outra exposição, organizada também por Les Archives Générales du Royaume. O plano desta, cujo primeiro painel mostrava o edifício onde Pirenne nascera, era o mesmo da exposição de Anderlecht. Parte dos elementos fotográficos, ou reproduzidos em fotocópia<sup>1</sup>, era comum. Outros, porém, eram originais, como no capítulo da correspondência com eruditos, onde se via, por exemplo, uma carta de Holder-Egger, datada de 1 de Agosto de 1887, a respeito da colaboração de Pirenne nos *Monumenta Germaniae Historica.*, e um postal de Jaime de Magalhães Lima, assinado da Casa do Eixo, em Aveiro, a 18 de Junho de 1924. Encontravam-se também cartas dirigidas por H. Pirenne a Samuel Muller e a Joseph Cuvelier durante o cativeiro, nas quais expõe as suas opiniões sobre a guerra e a paz em geral e sobre o fim da guerra de 1914-1918 em particular, sobre as relações entre a história económica e a história religiosa, sobre a origem das corporações. Havia ainda nesta exposição de Verviers uma parte especial, constituída por documentos de arquivo respeitantes ao Principado de Franchimont.

Depois de inaugurada a exposição, efectuou-se no salão do Teatro de Vervû-Jeris uma sessão solene: o Prof. Paul Harsáin, da Universidade de Liège, falou de Pirenne /como impulsor da história social; o Prof. Bouckaert, reitor da Universidade de Gand, exprimiu a sua admiração pelo <x>ntributo que Pirenne trouxe ao conhecimento da história da Bélgica; o Prof. John Gilissen, da Universidade de Bruxelas, recordou, (enfim, a mensagem «científica ddixada por aquele que foi doutor «honoris causa» da sua Universidade, uma das quinze que tanto o honraram como se honraram concedendo-lhe tal título.

O orador seguinte da sessão de Verviers foi o Prof. Huebinger, da Universidade de Bonn, que salientou, a par da nobreza de «espírito e da coragem patriótica de Henri Pirenne, a influência «exercida no domínio da ciência histórica. Falou, finalmente, Henri Grégoire, da Académie des Arts et des Belles Lettres, referindo-se a Pirenne como impulsor da investigação em história oriental e bizantina.

Para que a «comemoração do centenário do historiador nacional da Bélgica se não restringisse à participação «de intelectuais e eruditos, mas fosse partilhada por toda a nação e se tornasse oportunidade de divulgação cultural e ensinamento patriótico, a Administração dos Serviços Educativos «do Ministério da Educação Nacional e «da Cultura mandou preparar um opúsculo «de uma centena de páginas para distribuição aos alunos das «escolas «belgas. Encarregou-se da sua organização o Inspector do Ensino Médio, George Gérardy, «que seleccionou uma útil bio-bibliografia de Henri Pirenne (entre a bibliografia sobre o homem e a obra «dita-se o artigo do Prof. Torquato «de Sousa Soares, *Henri Pirenne e o problema da origem das instituições municipais*, publicado em 1939 na revista *Biblos*, xv, pp. 505-518), uma recolha de textos para a «compreensão da tessitura da obra do grande historiador, lenquadrados em convenientes (explicações para os «situar devidamente, e ainda largos fragmentos de algumas cartas inéditas do período de cativeiro, *Lettres d'un otage*. Inédita, também, a carta de Godefroid Kurth, datada de Saint-Léger, 16 de Setembro de 1886, que se «encontrava em reprodução fotográfica nas exposições de Anderlecht e de Verviers, e à qual aludimos atrás.

Foi também realizado um filme fixo sobre a «carreira «do historiador, no qual se incluíram algumas obras, «com ela relacionadas do seu irmão, o «artista-pintor Maurice Pirenne.

A *Revue Générale Belge* homenageou a memória de Henri Pirenne nas páginas em que Jacques Pirenne descreve pormenores sobre a vida familiar do pai, através das quais o historiador nos é apresentado com um homem recto, 'enérgico, cujos trabalhos de erudição o não tomaram alheio aos problemas do seu tempo. Escrito em forma de cartas, 'este depoimento de Jacques' Pirenne constitua mais que testemunho de amor filial e homenagem de um discipulo: através da evocação de uma grande existência está ali escrito um capítulo da história nacional belga.

III

\* #

São também interessantes as respostas dadas por Jacques Pirenne ao jornalista de *La Libre Belgique*, que no número de 20 de Dezembro publicou uma (entrevista sob o título *Henri Pirenne vu par son fils*.

Deixando algumas particularidades acerca do homem, parece justificado que transcrevamos certas declarações Sobre o historiador:

— Não se censura a seu pai certo determinismo? — perguntou o jornalista.

— Meu pai não era determinista. Dava simplesmente uma importância considerável à 'evolução da economia, ao desenvolvimento e declínio das grandes vias comerciais, ao nascimento de indústrias novas. Quem ousaria, por exemplo, isolar os Primitivos flamengos da prosperidade de Bruges?

E, solicitado a resumir em algumas palavras a contribuição dada por seu pai à ciência histórica:

— Oentrou os seus trabalhos na expansão 'das nossas cidades da Idade Média e mostrou como elas engendraram um novo tipo de homem: o cidadão afsegurado das suas liberdades. Assinar-lhe 'há que se deve a meu pai a publicação 'de uma grande parte dos arquivos de Ypres, destruídos em 1914-18, e tão reveladores da indústria de tecidos na Flandres? DeVe-se sobretudo a Henri Pirenne a sua história 'da Bélgica, que rompeu absolutamente com os seus predecessores, pois já não representa o nosso passado como ia juxtaposição de diversos ducados ou condados.

Meu pai demonstrou, por sobre a fronteira linguística, a qual de resto nunca foi uma fronteira, a realidade belga, a realidade deste ponto de encruzilhada que, segundo a sua forte 'expressão, «para

ser acolhedor para com todos os seus vizinhos não (pode pertencer a nenhum deles).

Mas a obra de predileção de meu pai foi o livro *Mahomet et Charlemagne*, em que provou, em páginas magistrais, como o Islão cortou o Ocidente das suas raízes, dos seus prolongamentos, das suas origens mediterrânicas, para o isolar, fazer (dele) uma região puramente continental, que se tomou o império senhorial de Carlos Magno, orientado para o norte, para os povos germânicos, que não tinham sido impregnados de civilização mediterrânea.

Opondo-se com ousadia às teses dos professores alemães, tão influentes a partir de 1870, meu pai escreveu páginas capitais sobre o carácter profundamente romano e, portanto, helenístico, da civilização ocidental. Carlos Magno, esquece-se isto às vezes, não sabia escrever, e os monges que, desde o século sétimo, foram os evangelizadores e os «preceptores» dos **niossos** antepassados, eram, na maior parte, de formação latina ou bizantina.

— Seu pai teve numerosos discípulos. Pode citar-nos alguns deles?

— De bom grado. Houve, primeiro, Guillaume Des Marez, historiador das nossas cidades; F. Ganshof, que explorou a época dos Carolíngios; J. Van Werveke, que estudou o comércio e a vida social da Flandres de outrora; C. Verliinden, historiador da colonização e autor de uma obra essencial sobre a escravatura na Idade Média; F. Vercauteren, que mergulhou na análise da vida urbana da Idade Média; Henri Nowé e muitos outros eruditos ainda, que se inspiraram em seus trabalhos nos métodos que lhes tinha inculcado Henri Pirenne.

— Há ainda textos inéditos de seu pai?

— Não, à excepção do jornal íntimo que foi redigindo durante o seu período na Alemanha.

— Que pensava seu pai da concepção marxista da história?

— Não via nela senão uma teoria desmentida pelos factos e temia o estatismo, opressivo sob todas as suas formas, porque o considerava como uma perigosa languidez da sociedade.

A administração (dos Correios, associando-se ao centenário, destinou a primeira das séries especiais a emitir durante o ano de 1963 para homenagear Henri Pirenne, dando-lhe circulação, a 15 de Janeiro, um selo do valor de três francos (a franquia normal para a correspondência dentro do país, e metade da franquia normal para

toda a Europa), com a efígie do historiador gravada em talhe doce e impressa a azul.

Deste modo se celebrou em 1962 o centenário de um historiador que pôde dizer de «si mesmo, em 1932, por ocasião de uma manifestação, organizada pela revista *Le Flambeau*, para festejar a publicação do sétimo e último tomo da *Histoire de Belgique*: «Diferentemente do poeta [que atrás citara], o modesto estudioso que sou nunca teve necessidade de regressar ao seu gabinete de trabalho, porque nunca o abandonou. E isto, antes de mais nada, porque o meu gabinete se confundiu com o meu lar. A companheira da minha Vida foi ao mesmo tempo companheira do meu labor, e ninguém saberá nunca, nem mesmo ela, a parte que lhe cabe daquilo que 'eu fiz»,

Assim comemorou a Bélgica o centenário do nascimento do seu historiador nacional ou, como talvez se quisermos possa, de alguma maneira, dizer-se, o centenário do seu Alexandre Herculano.

Ainda dentro deste ambiente se deve inscrever a edição, embora não na Bélgica, mais em França, pelas Presses Universitaires, no começo do ano de 1963, da *Histoire Économique et Sociale du Moyen Âge*, prefaciada por Hans Van Weirveke, professor da Universidade de Gand. Esta obra, como que síntese da construção histórica de H. Pirenne sobre a Idade Média, apareceu pela primeira vez, com o título «Le mouvement économique et social», fazendo parte do Volume *La civilisation occidentale au Moyen Âge du XI<sup>e</sup> au milieu du XV<sup>e</sup> siècle* (Paris, Presses Universitaires de France, 1933), tomo VII da *Histoire du Moyen Âge*, 2.<sup>a</sup> secção da conhecida *Histoire Générale* dirigida por Gustave Glotz. Esta colaboração de H. Pirenne tinha sido traduzida para inglês (I. E. Clegg, 1936), espanhol (Fondo de Cultura Económica — México, 1939), alemão (Berna, 1946), neerlandês (Anvers e Amsterdão, 1948) e jugoslavo (Sarajevo, 1958) e fora reimpressa, em francês, na colectânea de trabalhos de história económica de Pirenne, intitulada *Histoire économique de l'Occident médiéval*, prefaciada por E. Coornaert (Bruxelas-Paris, Desclée de Brouwer, 1951).

Louvain, 1963